

KARLA MARINA MESSIAS DOS SANTOS GAMBA

O USO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL PELOS JORNAIS *FOLHA DE S.PAULO* E O *GLOBO* NA VOTAÇÃO DA DENÚNCIA CONTRA O PRESIDENTE TEMER NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

BRASÍLIA

2017

KARLA MARINA MESSIAS DOS SANTOS GAMBA

O USO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL PELOS JORNAIS *FOLHA DE S.PAULO* E *O GLOBO* NA VOTAÇÃO DA DENÚNCIA CONTRA O PRESIDENTE TEMER NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel no curso de Jornalismo.

BRASÍLIA

2017

KARLA MARINA MESSIAS DOS SANTOS GAMBA

O USO DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL PELOS JORNAIS *FOLHA DE S.PAULO* E O *GLOBO* NA VOTAÇÃO DA DENÚNCIA CONTRA O PRESIDENTE TEMER NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel no curso de Jornalismo.

BRASÍLIA, 24 DE NOVEMBRO DE 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Vivaldo Reinaldo de Sousa, Me. (Orientador)

Francisco Eduardo Gonçalves (Examinador)

Prof. Lourenço Lima Cardoso, Me. (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo ao professor Vivaldo de Sousa, primeiramente por ter topado orientar esta pesquisa, e, principalmente, por ser tão generoso, disponível e cuidadoso com o processo de trabalho. Estendo o agradecimento também pelo exemplo como profissional, e por sua postura como professor, que foi responsável por despertar em mim o gosto pela escrita jornalística, quando fiz com ele minha primeira disciplina prática de mídia impressa.

Agradeço ao professor Lourenço Cardoso e ao jornalista e mestrando em Comunicação Francisco Leali, por terem topado participar da minha banca examinadora. Ao Lourenço, meu primeiro professor de fotografia, por ter me ensinado toda a técnica básica, por ter me incentivado criativamente a refletir também sobre o papel social da fotografia e do vídeo e com isso ajudado a dar passos mais longos na profissão. Ao Francisco Leali, pelo exemplo diário de como fazer o bom jornalismo, pelas conversas acadêmicas, pelas dicas sempre certas nas pautas e principalmente por me dar a oportunidade de estagiar com ele a crescer tanto, como profissional e como pessoa.

Agradeço aos professores do curso de jornalismo do UniCEUB, de maneira muito especial aos professores: Luiz Cláudio Ferreira, pela amizade e por me fazer acreditar sempre na importância de um jornalismo mais humanizado; Katrine Boaventura, que fortuitamente me convenceu a continuar no jornalismo no primeiro semestre do curso, quando eu pensava que seria só aquele semestre e eu iria sair e cursar Audiovisual; e Sérgio Euclides, pelas incontáveis conversas e discussões tão críticas quanto frutíferas, pelas boas leituras e bons argumentos. Henrique Moreira e Bruno Nalon, pela disponibilidade e gentileza de sempre ao resolver todas as burocracias acadêmicas e garantir um corpo docente de excelência em nossa formação, tanto profissional, quanto humana.

Aos colegas de curso, em especial: Aline do Valle, Marlla Sabino, Mariana Areias, Hamilton Ferrari, John Matos, Eduardo Magno, Pedro Amaral, Guilherme Cavalli, Lucas Valença e Deborah Novais; pela convivência, pelas amizades, pelas parcerias acadêmicas, pelas risadas nos intervalos, pelo desespero coletivo nos finais de semestre e pelos grupos de estudos para as temíveis provas do Vivaldo.

Aos colegas da editoria de cultura do Correio Braziliense, na figura do editor José Carlos Vieira, que me ensinou os primeiros passos dentro de uma redação e me mesmo sem nenhuma experiência, me deu tantas oportunidades.

À equipe da sucursal Brasília do jornal O Globo, secretárias, motoristas, recepcionistas, RH, setor da limpeza, da tecnologia, repórteres e editores, por serem tão generosos e me receberem tão bem nesse último ano e por me fazerem chegar sorrindo todos os dias no trabalho. Agradecimento especial aos coordenadores: Eliane Oliveira, Francisco Leali, Paulo Celso Pereira e ao chefe da sucursal, Sérgio Fadul, pela paciência de todos os dias, pela confiança no meu trabalho, pela gentileza de ensinar e aprender, e por todas as horas de trabalho compartilhadas, que me ajudaram tanto a crescer.

À todos os meus alunos de fotografia e vídeo, com quem aprendi tanto sobre a linguagem audiovisual e sobre a vida.

Às amigas Poliana, Isadora, Cíntia, Laís e Fernanda, pela paciência de sempre, quando a vida não está nada fácil.

À minha família, em especial minhas tias maternas, que me ajudaram e continuam ajudando tanto na vida e nos estudos.

Aos meus irmãos José, Célio, Xico e Maris, pelo amor, pela amizade e por me receberem em suas casas seja para férias ou para participar de congressos de jornalismo.

Por fim, às três pessoas que fizeram de tudo e mais um pouco para que, mesmo diante de tantas dificuldades, eu pudesse cursar jornalismo: Denis, Marina e Luanda.

Ao meu namorado Denis, pelo amor, carinho e cuidado de todos os segundos, pela companhia de noites viradas de estudo, por fazer lanche e faxina para mim enquanto eu escrevia o TCC, por me ouvir e dar colo nos momentos mais difíceis, por compartilhar os momentos mais felizes e as conquistas.

À minha mãe Marina, que sempre acreditou nos meus sonhos e nunca mediu esforços para me ajudar a realizá-los. Que me ajudou, nas necessidades mais básicas, para que eu pudesse estudar e também estagiar na carreira.

E à minha filha Luanda, pela compreensão das noites mal dormidas, deitada comigo e um computador do lado (estudando ou trabalhando), por entender minha ausência nos últimos anos pelo tempo dividido com a faculdade, estágios e dois empregos e por me ensinar sempre e todas as horas como ser uma pessoa melhor.

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte”

Gabriel García Márquez

RESUMO

A popularização da internet transformou os métodos de produção da imprensa brasileira. Com o surgimento de novas mídias e plataformas cada vez mais dinâmicas, além dos sites de notícias, os jornais impressos passaram a produzir conteúdos visuais elaborados, convergindo diversos formatos (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. O presente trabalho analisa a utilização da linguagem audiovisual como narrativa jornalística em dois dos principais jornais impressos brasileiros: *Folha de S.Paulo* e *O Globo*. O caso analisado é a cobertura da votação, na Câmara dos Deputados, da admissibilidade da denúncia de corrupção passiva feita pela Procuradoria-Geral da República contra o presidente Michel Temer, ocorrida em agosto de 2017.

Palavras-chave: Videojornalismo. Narrativas Jornalísticas. Jornalismo Político.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 JORNALISMO POLÍTICO	14
2.2 A EVOLUÇÃO DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS AUDIOVISUAIS	19
3. METODOLOGIA	25
4. ANÁLISE	28
5. CONCLUSÕES PRELIMINARES	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXO - Links e descrições dos vídeos analisados	43

1. INTRODUÇÃO

A rede mundial de computadores transformou nosso modo de viver e de comunicar, quebrando barreiras de tempo e espaço. O efeito da internet no mundo e nas relações humanas, em diversos âmbitos, passou a ser objeto de estudo constante.

Conforme foi alterando nossa maneira de nos comunicarmos, a internet foi causando, inevitavelmente, um impacto também nos meios de comunicação e nos métodos de produção da imprensa. Esse impacto acabou se refletindo na própria atividade jornalística e no perfil do profissional da imprensa.

Com o surgimento de novas mídias, redes sociais e plataformas cada vez mais dinâmicas, além dos sites de notícias, os jornais impressos também passaram a produzir conteúdos visuais mais elaborados, convergindo os diversos formatos (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico.

No contexto dos estudos em jornalismo digital, essa convergência caracteriza-se pela multimídiaidade dos formatos de imagem, som e texto. O conceito de multimídiaidade foi formulado por Palacios¹ ao estudar o jornalismo desenvolvido para web, quando estabelece cinco características desse jornalismo: multimídiaidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória.

Por diversas vezes em sua trajetória, o modelo tradicional do jornal impresso, que deu origem à história do jornalismo, enfrentou embates com a tecnologia e as transformações sociais. Quando o rádio e a tv surgiram, as redações de jornais impressos precisaram se adequar e encontrar linguagens próprias para garantir sua sobrevivência. Assim, o mesmo aconteceu com o surgimento da internet e do

¹ Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf. Acessado em: 08/10/2017.

jornalismo digital. Quando o papel deixa de ser o principal suporte para a disposição de conteúdo, abre-se espaço para novas composições na narrativa jornalística.

Em fevereiro de 2017, o jornal impresso estadunidense *The New York Times*, que já teve uma sessão de vídeo jornalísticos, decidiu dar mais espaço aos seus podcasts (publicação de arquivo em formato de áudio e vídeo), lançando um informativo diário nesse formato, com duração de 15 a 20 minutos, abordando temas diversos.

O britânico *The Guardian* também possui uma área dedicada aos vídeos, que já foi considerada a melhor do gênero em matéria de páginas web de jornais impressos sem vínculos institucionais com redes de televisão².

Na América Latina, o jornal argentino *Clarín* foi um dos pioneiros mundiais na produção de notícias em vídeo, especialmente os videodocumentários jornalísticos, que já receberam diversos prêmios internacionais.

Outro importante jornal impresso dos Estados Unidos, *The Washington Post* também tem investido em novas formas de contar histórias, conforme descreveu seu editor, Martin Baron, quando esteve no Brasil em junho de 2017. Em palestra³ proferida para jornalistas brasileiros, Baron destacou que “com a era digital, surge uma forma totalmente nova de contar histórias” e que o vídeo digital é completamente diferente do que faz a televisão. O editor defendeu, relatando a experiência de jornal, que “toda história que puder ter um vídeo deve ter um vídeo”.

² Os dados referentes ao uso do vídeo pelos jornais impressos foram retirados do artigo “O videojornalismo ganha espaços na internet”. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/o-videojornalismo-ganha-espacos-na-internet/>. Acessado em: 08/10/2017.

³ Palestra proferida no Congresso Internacional da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) em junho de 2017, na cidade de São Paulo-SP.

O interesse pelo uso do vídeo no jornalismo impresso, entretanto, não é um fenômeno recente. No ano de 2008, o site *The Digital Journalist*⁴, referência no assunto no início dos anos 2000, registrava que seus cursos sobre vídeo tinham mais alunos que trabalhavam na mídia impressa do que na televisão e no cinema.

O presente trabalho consiste na análise do conteúdo em vídeo produzido por dois dos principais jornais impressos brasileiros, buscando investigar a maneira como os elementos da linguagem audiovisual têm sido utilizados como recurso de narrativa jornalística nestes jornais.

É fundamental ressaltar que, embora esse conteúdo seja veiculado no ambiente da web, e portanto essa pesquisa se apropria de alguns conceitos relacionados à este ambiente, as redações que pensam e executam esses produtos são de jornais tradicionalmente impressos, que outrora utilizaram apenas o suporte papel e o formato texto para veicular suas notícias.

Os jornais escolhidos são a *Folha de S.Paulo* e *O Globo*⁵, e o caso de análise foi a cobertura jornalística de um dos fatos mais importantes na história recente da política brasileira: a votação na Câmara dos Deputados da denúncia de corrupção passiva feita pela Procuradoria-Geral da República contra o presidente Michel Temer, ocorrida em agosto de 2017. O fato ganhou relevância por ser a primeira vez que um presidente da República foi denunciado, pela Procuradoria-Geral, no exercício de seu mandato.

O primeiro capítulo abrange o referencial teórico da pesquisa. O capítulo inicia tratando do que é o jornalismo político, já que a cobertura que será analisada pertence à editoria de política, e do papel do jornalista nessa editoria. Neste

⁴ O site foi uma das principais referências para vídeo-repórteres no início dos anos 2000. A página disponibilizava notícias, dicas e oferecia cursos de capacitação, além de reunir colaborações de fotojornalistas e especialistas em vídeo de todo o mundo.

⁵ Jornal no qual a autora desta pesquisa trabalha, como estagiária em reportagem na sucursal de Brasília.

momento descreve-se também o caso escolhido, bem como a justificativa e contexto dessa escolha.

Ainda no primeiro capítulo abordamos a utilização de imagem, texto e som na composição das narrativas jornalísticas, trazendo uma perspectiva histórica da evolução das narrativas audiovisuais no jornalismo impresso, até a utilização do videojornalismo.

O segundo capítulo descreve os preceitos metodológicos utilizados como base para a análise. O método utilizado é a análise pragmática da narrativa, formulado pelo professor Luiz Gonzaga Motta, que se fundamenta em cinco procedimentos: Recomposição do acontecimento jornalístico; Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; Construção de personagens jornalísticas; Estratégias comunicativas; e Relação comunicativa e “contrato cognitivo”.

O terceiro capítulo analisa os vídeos produzidos e veiculados por esses jornais, no período de 30/07/2017 a 06/08/2017 (semana em que ocorreu a votação), especificamente relacionados com a cobertura em questão.

O último capítulo trata da conclusão das análises propostas, bem como apresentação das reflexões surgidas a partir do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JORNALISMO POLÍTICO

A cobertura política desperta uma enorme atenção tanto para o público leitor, quanto para os jornalistas. Basta abrir um jornal para perceber sua centralidade e importância dada ao tema. Nos jornais impressos, o noticiário político costuma ocupar as primeiras páginas e nos sites de notícias ocupam o alto das páginas online.

O fato político foi o tema principal do jornalismo em seus primórdios. Se hoje a editoria de política é mais uma das sessões nos jornais, sua origem se confunde com o próprio surgimento da imprensa, conforme afirma Ernesto Rodrigues (2002):

Durante décadas, jornalismo foi sinônimo de panfletos políticos inflamados, editoriais venenosos e devastadores, duelos literários delirantes em torno das disputas de poder locais, regionais e internacionais, subjetivismo total, falta de profissionalização nas redações, domínio do bico e empreguismo político-partidário descarado (p. 86).

Observando a história da imprensa e do jornalismo, a política não esteve presente apenas na narrativa dos fatos. No contexto do estudo das teorias da comunicação e dos processos de produção de notícias, elementos da conjuntura política foram utilizados diversas vezes como objetos de experiência e análise sobre o efeito dos mídia. Segundo Vera Veiga França (2010), a formulação das primeiras teorizações sobre o papel dos meios e o processo de influência destes, estavam intimamente ligados a motivações de ordem política e econômica.

A teoria hipodérmica, primeiro paradigma dos estudos sobre os efeitos dos mídia, relacionava o contexto político da Primeira Guerra Mundial com os meios de comunicação. A influência da mídia no eleitorado durante campanhas políticas norte-americanas foi objeto de investigação empírica para o desenvolvimento do conceito de agenda setting ou teoria do agendamento.

Nota-se portanto que o desenvolvimento do jornalismo esteve intrinsecamente ligado à política. Seabra & Sousa (2006) apontam que, no Brasil, o jornalismo político confunde-se com a história do jornalismo brasileiro.

A editoria de política pode lidar com todas as instâncias de poder, desde as administrações públicas federal, estadual e municipal, às organizações da sociedade civil organizada. O universo da reportagem política faz com que o conteúdo jornalístico produzido por essa editoria seja, não só um registro das ações e opiniões das fontes, mas também que seja um conteúdo que analise essas informações, de acordo com os cenários conjunturais nos quais elas estão inseridas. Sobre isso comenta o jornalista político Franklin Martins:

Na maioria dos casos, não basta apenas dar a notícia, ou seja, transmitir a informação factual mais recente. É necessário qualificá-la, relacioná-la com outros fatos, explicar suas causas e avaliar suas possíveis consequências. Em suma, é preciso entregar aos leitores não apenas a notícia, mas também o que está por trás e em volta da notícia. Dito de outra forma, é preciso explicar, analisar, interpretar o que aconteceu (2005, p. 21).

Martins destaca ainda que, frases, afirmações e discursos não são o mais importante da cobertura jornalística em política, e que mais vale uma boa informação de bastidores do que aconteceu em uma reunião fechada que uma declaração formal do porta-voz fora dela.

O repórter de política assume então a responsabilidade de projetar novas informações no cenário político, buscando antecipar consequências e desdobramentos que sejam do interesse do cidadão, que além consumidor da notícia, também é eleitor. Conclui-se que o repórter de política não pode se aventurar nesta editoria sem que tenha um conhecimento consistente básico em disciplinas como História, Sociologia, Economia e na própria Política (RODRIGUES *In* CALDAS, 2002, p. 85).

Cook⁶ vai além, afirmando que os jornalistas são atores políticos e o jornalismo uma instituição política. O autor afirma ainda que, “além de disseminar as informações políticas, definindo o que é importante e o que é interessante, os jornalistas dão relevância aos atores políticos e certificam sua autoridade”.

Em se tratando de jornalismo político brasileiro, é importante que o repórter de política tenha também um bom conhecimento sobre a estrutura e funcionamento do Congresso Nacional, além dos demais poderes. Na cobertura em questão, por exemplo, analisada neste trabalho, observa-se que, além de ser um dos fatos políticos mais importantes do ano de 2017, o próprio rito legal de tramitação da denúncia contra o presidente envolvia todos esses poderes. O que mostra que os repórteres com um conhecimento amplo sobre os três poderes poderiam sair em vantagem nessa cobertura.

Sousa (2006, p. 197) destaca que os fatos políticos se dão na interação entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e que conhecer as regras básicas de funcionamento desses três poderes é importante para compreender o jogo político e ter condições de explicá-lo aos leitores.

Podemos concluir então que o repórter de política atua como uma espécie de “tradutor” dos acontecimentos e decisões tomadas pelas autoridades que ocupam esses três poderes para a população. A reportagem política forma opinião, que leva a escolhas partidárias, a julgamentos técnicos e éticos, que, em última instância, influirão no destino de toda a sociedade.

O caso analisado aqui neste trabalho trata-se da denúncia, pelo crime de corrupção passiva, apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o presidente da República Michel Temer, em 26 de junho de 2017. A acusação foi baseada em investigações iniciadas a partir de um acordo de delação premiada,

⁶ Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200009. Acessado em 03/10/2017.

fechado entre executivos da empresa brasileira JBS⁷ e o Ministério Público Federal (MPF).

Em sua delação, o empresário Joesley Batista, um dos donos da JBS, apresentou a gravação de um diálogo com o presidente Temer, no qual relata uma série de crimes, contando com consentimento do presidente. Entre eles, o de comprar o silêncio do ex-deputado federal e aliado Eduardo Cunha, o de pagar propina a membros do Ministério Público e o de tentar obter vantagens no governo por meio de representantes da gestão federal.

O procurador-geral à época, Rodrigo Janot, reuniu depoimentos e documentos e apresentou a denúncia pedindo que o presidente Michel Temer fosse processado por corrupção passiva, além de pagar uma multa de R\$ 10 milhões em indenização por danos morais coletivos.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil, para que a denúncia prosseguisse e o presidente fosse investigado, era necessário que a Câmara Federal, com o voto de pelo menos 342, dos 513 deputados, aprovasse a abertura do processo. Aprovada, a denúncia retornaria ao Supremo Tribunal Federal (STF), que, com o voto da maioria dos ministros, decidiria se Michel Temer se tornaria réu.

No entanto, em votação no dia 02 de agosto de 2017, a Câmara rejeitou o pedido da Procuradoria-Geral da República e arquivou a denúncia. O placar foi de 263 pelo arquivamento, 227 pelo prosseguimento, 2 abstenções e 20 ausências registradas.

É provável que esse seja o acontecimento político mais importante do ano por diversos fatores, entre eles, um dos principais: o fato de que, até então, nenhum

⁷ Empresa brasileira que atua no ramo de produtos alimentícios. Na época em seus executivos fecharam acordo de delação premiada, a empresa era considerada uma das maiores empresas de alimentos do mundo.

presidente da República brasileira havia sido denunciado por um crime comum ainda no exercício de seu mandato.

A circunstância chamou a atenção também pois naquele momento da denúncia havia pouco mais de um ano que o Senado Federal tinha afastado, em processo turbulento, a presidente anterior, Dilma Rousseff, por meio de um impeachment. No caso de Michel Temer, se a denúncia da Procuradoria-Geral da República fosse aceita e ele virasse réu, seria afastado do cargo por até 180 dias.

Segundo Nelson Traquina, a teoria democrática define três grandes papéis para o jornalismo: 1) dar aos cidadãos as informações que são úteis e necessárias para que eles possam cumprir os seus papéis de pessoas interessadas na vida social e no governo do país; 2) ser o espaço do contraditório e da pluralidade de opiniões; e 3) ser o “cão de guarda” da sociedade, protegendo os cidadãos contra o abuso de poder⁸. Essas três características são apontadas por Roberto Seabra (2006) como as grandes funções do jornalista político: informar, formar opinião e fiscalizar.

Tais características, bem como a importância delas para o trabalho jornalístico do repórter de política, podem ser observadas na cobertura analisada neste trabalho.

⁸ Em entrevista ao Observatório da Imprensa, em 20 de maio de 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da200520032.htm>

2.2 A EVOLUÇÃO DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS AUDIOVISUAIS

A relação do ser humano com a imagem visual e o som é tão antiga quanto sua existência. Como afirma Aumont (1993, p.17), a percepção visual é, de todos os modos de relação entre o homem e o mundo que o cerca, um dos mais conhecidos.

Desde as pinturas rupestres, como forma de representação da realidade pré-histórica, à invenção da fotografia e posteriormente do vídeo, a imagem e som constituíram-se como linguagens elementares para a comunicação humana.

Mario Kanno afirma que o ser humano é, por natureza, um ser visual:

É de sua natureza assimilar primeiro as imagens. Primeiro, nós aprendemos visualmente, depois começamos a falar, e muito depois conseguimos entender e escrever as palavras. Embora a maior parte do conhecimento humano esteja registrada de maneira verbal, grande parte de nossa memória e da maneira como compreendemos o mundo são visuais (2013, p.12).

Armes (1999, p. 25) reforça essa afirmação, alegando que nossa cultura ocidental sofre um viés visual, em que “ver é crer”, e uma testemunha ocular deve ser considerada, enquanto o “ouvi dizer” é inadmissível. Para o autor, esse viés visual encontra sustentação no fato de os primeiros esforços ocidentais terem sido dirigidos para a reprodução do visível. Tais esforços, ocorridos cerca de quatrocentos anos antes da invenção da fotografia, pertencem à remota pré-história dos meios, porém possuem um interesse duradouro.

A imagem trabalha com aspectos da percepção, do real e do imaginário, podendo ter funções diversas, como: informativa, comunicativa, reflexiva e emocional. A produção de imagens foi, desde sempre, utilizada com determinados fins, individuais ou coletivos. Em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida com algum objetivo, como religiosos, ideológicos, propaganda, informação, e outros (AUMONT, 1993, p. 78).

As imagens visuais, assim como os textos, são produzidas com um propósito, o que significa que toda imagem está carregada de sentidos, explícitos ou implícitos. Apesar disso, “tornou-se recorrente certa submissão ao princípio de autoridade advindo do conhecido poder da escrita em nossa cultura”, como descreve Passos (2003).

A imprensa, em seus primórdios, era composta quase que exclusivamente por textos. É oportuno observar que, a adesão do jornalismo ao uso mais aprimorado da imagem e som esteve delimitada aos recursos tecnológicos disponíveis em sua época. Mario Kanno (2013) lança, no entanto, uma provocação sobre isso afirmando que a imprensa ajudou a separar a imagem do texto:

A introdução da imprensa e seu processo industrial de tipos móveis, inicialmente limitado, fizeram com que a comunicação verbal (escrita), se separasse da não-verbal (imagem). As máquinas eram feitas privilegiando a reprodução do texto e quase toda a iconografia foi sendo suprimida. Foi com maquinário ainda rudimentar que surgiram os primeiros jornais; daí vem o uso intensivo e quase exclusivo da escrita como registro da informação, enchendo as páginas de texto. Associa-se ainda a ideia de que quanto mais texto, mais informação (2013, p. 13).

Constatamos a afirmação de Kanno ao observar o começo dos jornais impressos. Os primeiros periódicos que circularam no Brasil apresentavam poucas ilustrações em suas páginas. Entre eles, o *Correio Braziliense*, que trouxe entre as oitenta páginas de seu primeiro número, publicado em 1808, uma única ilustração. Charges e caricaturas tornaram-se comuns nos jornais anos depois. Registra-se que a primeira caricatura brasileira impressa é de 1837.

Mesmo na imprensa internacional, conforme afirma Morel & Barros (2003), a primeira aparição de uma fotografia reproduzida pelo método fotomecânico⁹ só ocorreu em 1880, próximo ao ano de 1895, considerado o ano de nascimento do cinema.

⁹ O procedimento de reprodução fotomecânica consiste em reproduzir um original gráfico (imagens e textos) sobre superfícies gravadas por meios fotoquímicos, em relevo, a entalhe ou em plano, servindo de matriz em diversos sistemas de impressão.

Quando a imprensa passou a fazer o uso sistemático da fotografia o impacto foi grande, já que a imagem fotográfica, desde o seu surgimento, esteve acompanhada do discurso da veracidade e da objetividade. A fotografia era vista como espelho do real, mimética por essência (MOREL & BARROS, 2003, p. 105).

A objetividade da imagem fotográfica, conferiu-lhe um poder de credibilidade conveniente ao jornalismo: “Pela primeira vez, uma imagem do mundo exterior se forma, automaticamente, sem a intervenção criadora do homem, segundo um rigoroso determinismo” (BAZIN *apud* XAVIER, 2008, p. 125).

Morel & Barros afirmam que, embora a fotografia recém-nascida no século XIX trazia uma dimensão de lazer, consumismo, modismo tecnológico e empolgação pela novidade, carregava também a possibilidade de reproduzir o real, tanto que aplicava-se a usos mais “sérios”, como a medicina e o controle de criminalidade (2003, p. 73).

De alguma forma, o nascimento e crescimento da utilização de imagens estáticas (fotos, charges, ilustrações), acabou ocorrendo paralelamente à invenção da fotografia. Buitoni conta que, quando a fotografia começou a aparecer na imprensa, as técnicas de gravura tinham muito prestígio com os leitores de jornais:

Paradoxalmente, as pessoas acreditavam mais no real desenhado in loco, do que no registro mecânico da fotografia. Isso talvez seja devido à “educação” visual da época que estava mais acostumada aos efeitos estéticos presentes nas gravuras; por vezes essas imagens alcançam alto nível de qualidade, o que ainda não era possível nas incipientes cenas fotográficas (2011, p. 69).

Ainda assim, mais tarde, a fotografia viria a se consolidar como um recurso fundamental para a narrativa jornalística.

Diferente da fotografia, o vídeo não surge como uma identidade segura e distinta. Nas suas primeiras décadas, até meados dos anos 1960, o vídeo era usado como um anexo da televisão, uma opção que oferecia flexibilidade à produção

televisiva tradicional. O vídeo só começou a existir como linguagem própria quando as câmeras e unidades de gravação portáteis o libertaram da televisão (ARMES, 1999, p. 139).

Do ponto de vista perceptivo, a imagem videográfica transpôs a narrativa jornalística para outro patamar pois reunia as linguagens verbal, sonora e visual, conjugadas em uma só: a linguagem audiovisual. Enquanto a fotografia era o registro estático do instante, o vídeo era, além do instante, a duração dele. Ou seja, o tempo opera diferente na percepção da imagem fotográfica para a imagem videográfica.

Desde o cinema, a linguagem audiovisual sempre esteve ligada à narração de histórias complexas e elaboradas, como descreve McLuhan:

Comparado a outros meios, como a página impressa, o filme tem o poder de armazenar e transmitir uma grande quantidade de informação. Numa só tomada, apresenta uma cena de paisagem com figuras que exigiriam diversas páginas em prosa para ser descritas. Na sequência imediata, e nas seguintes, a cena pode repetir-se, propiciando novos pormenores em bloco. Assim como a fotografia impeliu o pintor na direção da arte abstrata, escultórica, assim o cinema levou o escritor à economia verbal e ao simbolismo em profundidade, onde o filme não pode fazer-lhe concorrência (2007, p. 323).

A história moderna da reprodução do som e da imagem é dividida por Armes (1999) em três fases, que estão parcialmente superpostas. A primeira delas seria o conjunto de recursos desenvolvidos no final do século XIX, os novos recursos a que o autor se refere são a fotografia estática, o disco para gramofone e o cinema. A segunda fase é a da revolução eletrônica, que teve início com a criação das transmissões de rádio na década de 1920 e continuou com o desenvolvimento da televisão. E a terceira é inaugurada após a Segunda Guerra Mundial com a introdução das gravações eletromagnéticas.

Embora Armes considere a evolução dos recursos tecnológicos ao observar e descrever essas três fases, o autor alega que, os argumentos baseados apenas em determinismos tecnológicos que ignoram mudanças mais amplas nas relações

sociais, têm pouca relevância para o entendimento da evolução dos meios. Uma vez que os progressos técnicos desde a fotografia mudaram a identidade cultural, não seria surpresa que a história do vídeo cause um impacto sobre as formas audiovisuais básicas de narrativa ficcional ou reportagem factual (1999, p. 125).

Quando a tradicional página de jornal impresso em papel, que por muitos anos foi o principal formato utilizado pelos veículos de comunicação, cedeu lugar também ao formato digital das telas dos computadores, e posteriormente das telas dos celulares e outros dispositivos móveis, abriu-se espaço para uma nova relação do jornalismo e dos jornalistas com a linguagem audiovisual.

O vídeo instituiu novas modalidades de funcionamento do sistema das imagens. Os vídeos transferidos para a internet trazem a característica de fragmentação de velocidade, de descentramento, qualidades que foram potencializadas com as tecnologias digitais (BUIIONI, 2011).

Falar de inovação formal e de possibilidades mais abrangentes nos faz esperar o florescimento e a multiplicidade de novas formas e linguagens visuais (Jameson, 1996). As novas formas de comunicação e informação, ou as novas mídias, abriram-se também para as possibilidades de contar histórias, como descreve Gosciola:

Assim como no caso do cinema, no período inicial do contar histórias através das novas mídias, as histórias eram mais simples. Porém, agora, elas são contadas de maneira complexa, isto é, graças aos recursos das novas mídias, podem ser apresentadas por diversos pontos de vista, com histórias paralelas, com possibilidades de interferência na narrativa, com opções de continuidade e descontinuidade da narrativa (2003, p. 19).

Mais à frente iremos verificar que essa afirmação se aplica perfeitamente em alguns dos vídeos analisados neste trabalho.

Para Gosciola (2003), cada imagem, em si, já é um roteiro, à medida que rompe com a linearidade da expressão. Sendo assim, o autor reforça que o

audiovisual é um conceito importante para compreendermos o processo de roteirização e construção de narrativas na mídia contemporânea, e que, “não há mais condição de chamar simplesmente de leitor aquele que tem contato com uma história estruturada pelas novas mídias”.

Armes contesta que o vídeo seja um “descendente tardio do filme e da televisão” (1999, p. 12) conferindo à ele um papel crucial na mídia ao que chama de “passar a ênfase da linguagem escrita para a falada” (p. 13). O autor sugere ainda que, o desenvolvimento inicial do vídeo na mídia pode ter sido uma resposta a uma expressão particular de gosto pela novidade - como ocorreu com o daguerreótipo¹⁰, ou com o estabelecimento dos sistemas de rádio e televisão.

Feita essa observação sobre a evolução das narrativas jornalísticas, partiremos para a metodologia e análise, buscando estabelecer, nas conclusões, uma relação com alguns dos conceitos descritos aqui, e com a própria perspectiva histórica dessas narrativas.

¹⁰ Aparelho fotográfico antigo inventado pelo francês Louis Daguerre que fixava imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre. Foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público.

3. METODOLOGIA

A mídia está repleta de narrativas que podem ser tanto factuais, como reportagens, notícias, transmissões ao vivo e documentários; quanto fictícias, como novelas, filmes e comerciais publicitários. Tais discursos narrativos midiáticos estão fundamentados em estratégias de comunicação, visando provocar certas intenções e atingir objetivos.

Segundo Motta¹¹, a organização narrativa do discurso midiático, ainda que pareça, em alguns casos, espontânea e intuitiva, não é aleatória, e realiza-se em contextos pragmáticos e políticos a fim de produzir efeitos desejados:

Utilizam a narrativa para conquistar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolvê-lo e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades). Jornalistas, diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido.

Partindo do entendimento de que o vídeo é um recurso utilizado como narrativa jornalística, este trabalho propõe como metodologia uma análise pragmática da narrativa utilizada nos vídeos da cobertura escolhida. Para isso, utiliza-se cinco procedimentos de análise propostos por Motta:

- 1) **Recomposição do acontecimento jornalístico:** Observar a continuidade, justaposição e recorrência do tema. Essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) do acontecimento jornalístico. Observar como operam os ganchos, pois eles podem revelar aspectos interessantes das estratégias narrativas jornalísticas e dos efeitos de sentido pretendidos: retardamento do desfecho,

¹¹ Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>.

Acessado em: 25/10/2017.

ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor.

- 2) Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios: Identificar e analisar os conflitos e a funcionalidade dos episódios que deixam significados em suspense, retardam a conclusão da história, aumentam a tensão e as expectativas do espectador. De acordo com Motta, o jornalismo vive de criar expectativas. A identificação dos conflitos é o que permite discernir e compreender o enredo, que pode unir uma ou muitas unitárias e não necessariamente guardam relação direta com a ordem das notícias que lhes deram origem. Estratégias de linguagem e movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação merecem atenção especial.
- 3) Construção de personagens jornalísticas: O reconhecimento das personagens e sua dinâmica funcional. Nomes, identificadores e co-referências que designam as personagens devem ser particularmente observados. No jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. Na narrativa jornalística os personagens representam pessoas reais. Logo, na análise da narrativa não interessa quem é determinado político e o que fez ou deixou de fazer na vida real. Interessa como a narrativa jornalística construiu certa imagem deste político e o que a personagem fez no decorrer de uma narrativa jornalística.
- 4) Estratégias comunicativas: Revelar as estratégias da narrativa jornalística para construir os efeitos de real (estratégias de objetivação) e os efeitos poéticos (estratégias da subjetivação). A retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores

capazes de revelar o uso intencional de recursos na comunicação para produzir efeitos.

- 5) Relação comunicativa e o “contrato cognitivo”: Trata do enquadramento e abordagem jornalística, a seleção e destaque de aspectos da realidade pelo jornalista na sua observação do mundo. Deve-se observar particularmente o “contrato cognitivo” implícito entre jornalistas (narradores) e audiência (narratário), “contrato” este que segue as máximas da objetividade e da co-construção da verdade dos fatos. O desejo de objetividade do jornalista e sua estratégia de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de leitores, ouvintes e espectadores da mídia jornalística que acreditam estar lendo, vendo ou ouvindo a verdade dos fatos.

Há, ainda, nas formulações de Motta, um sexto procedimento denominado de “Metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história”. Optou-se aqui por não utilizá-lo como procedimento metodológico por avaliar que seus preceitos não se aplicavam ao caso em análise.

Destaca-se aqui que esses procedimentos foram elaborados e sugeridos para análise de textos jornalísticos. Na análise feita neste presente trabalho os procedimentos foram adaptados para o contexto da produção de vídeos jornalísticos por entender que os critérios eram condizentes metodologicamente, sem prejuízo de valor.

A escolha do caso em análise deu-se por sua importância em si, mas também pela importância da editoria de política, e por ser esta considerada o conteúdo “mais nobre” e de maior relevância para os jornais selecionados.

4. ANÁLISE

Alberto Dines (1986) afirma que a crise do papel não liquida os jornais impressos, apenas os transforma. Quando os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* foram fundados, em 1921 e 1925, respectivamente, certamente seus fundadores não previam os desafios e transformações que estes veículos estariam enfrentando quase um século depois.

Na análise pragmática da narrativa jornalística, os vídeos foram observados tanto de maneira individual, quanto de maneira conjunta, como se toda a cobertura em vídeo compusesse um “longa-metragem”, entendendo cada vídeo como parte complementar à narrativa total do fato.

Previamente à análise apresentamos uma breve história dos dois jornais, atendo-se aos acontecimentos mais importantes, assim como aos fatos que dizem respeito ao desenvolvimento tecnológico dos veículos.

Folha de S.Paulo

O jornal *Folha de S.Paulo* foi criado em 19 de fevereiro de 1921, na cidade de São Paulo, por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de “Folha da Noite”. O objetivo dos fundadores era atrair leitores das classes médias urbanas e classe operária, em oposição ao principal jornal da cidade na época, *O Estado de S. Paulo*, que representava as elites rurais e apresentava posições mais conservadoras, tradicionais e rígidas.

Com o passar dos anos, o empreendimento se expandiu, surgindo também a “Folha da Manhã”, em 1925, e a “Folha da Tarde”, em 1949. Só em 1960 que os três títulos se fundiram no nome *Folha de S.Paulo*.

Enfrentando sérias dificuldades econômicas, em 1962 a empresa passou para o controle dos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. A reorganização financeira e administrativa foi o principal objetivo dos novos donos.

De 1968 a 1974, os empresários investiram prioritariamente no aparelhamento do jornal com unidades impressoras offset, fotocomposição e um eficiente sistema de distribuição. Isso fez com que a *Folha* fosse pioneira na impressão offset em cores, usada em larga tiragem pela primeira vez no Brasil.

Em 1983, a *Folha* se tornou a primeira redação de jornal informatizada na América do Sul com a instalação de terminais de computador. O veículo passou então a economizar 40 minutos no processo de produção.

Em 1984, o jornal publica o primeiro Projeto Editorial, que defende um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno. No mesmo ano, a *Folha de S.Paulo* assumiu, entre os veículos de comunicação do país, a liderança da campanha pelas Diretas Já. Dois anos depois, o jornal tornou-se o diário de maior circulação no país.

Em 2010, a *Folha* unificou as redações do jornal impresso e on-line. E lançou aplicativos do veículo para aparelhos celulares e tablets.

Segundo uma pesquisa do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)¹² que analisou a maioria dos principais veículos da mídia tradicional impressa no Brasil, no primeiro semestre de 2017, a *Folha de S.Paulo* é o jornal diário com maior circulação digital e o segundo maior em circulação impressa.

Em 2011, o jornal estreia a TV Folha, braço da produção audiovisual do veículo.

¹² Órgão que audita números sobre o leitorado de jornais e revistas brasileiros. Até 2015, chamava-se Instituto Verificador de Circulação.

O Globo

Fundado em 29 de julho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro, pelo jornalista Irineu Marinho. Sua primeira publicação foi vespertina, lançada em duas edições, com uma tiragem de 33.435 exemplares. Até 1972 o jornal não circulava aos domingos.

A escolha do nome do jornal ocorreu por meio de um concurso. Embora o nome mais votado tenha sido “Correio da Noite”, essa patente já tinha dono, então decidiu-se pelo segundo nome mais votado, *O Globo*.

Menos de dois meses após a fundação do jornal, seu pioneiro Irineu Marinho faleceu. Com o falecimento, o jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu, assume seu lugar. Em 1931, após a morte de Eurycles, o também jornalista Roberto Marinho, primogênito de Irineu, assumiu o comando do jornal e nele ficou até sua morte, em 2003.

O Globo foi o primeiro jornal brasileiro a publicar uma telefoto¹³, feito ocorrido no ano 1936. A imagem eram um registro da nadadora Piedade Coutinho ao se classificar para a final da prova dos 400m nado livre na Olimpíada de Berlim, feito também inédito para o esporte nacional.

Entre 1985 e 1986, *O Globo*, trocou as antigas máquinas de escrever por terminais de computadores, ingressando na era digital. O site do veículo na internet foi lançado no ano de 1996 e 10 anos depois, em 2006, o jornal lança sua edição digital. Em 2007, foi lançada a edição do site para celular e nos anos seguintes os aplicativos do jornal para aparelhos celulares.

¹³ Se refere à técnica ou ao equipamento que transformava fotografias em impulsos elétricos, permitindo sua transmissão por meio da linha telefônica em que o aparelho era conectado.

De acordo com Instituto Verificador de Comunicação (IVC), na mesma pesquisa citada anteriormente, *O Globo* é o jornal diário com maior circulação impressa e o segundo maior em circulação digital.

Em 2011, o jornal criou uma editoria para organizar e aumentar a produção de vídeo e em 2014 começou a formar uma equipe de videojornalistas buscando consolidar uma produção de imagem videográfica própria.

Em 2017, o Grupo Globo, conglomerado de mídia ao qual pertence o jornal, anunciou mudanças para maior integração entre impresso e digital em seus veículos jornalísticos, entre eles *O Globo*. A integração, que reuniu jornais e uma revista do grupo, foi justificada como sendo uma tentativa de renovação dos meios em um contexto de expansão digital do jornal e diminuição da circulação impressa dos títulos.

Análise preliminar

No período selecionado para a análise, que vai de 30/07/2017 a 06/08/2017, foram encontrados 13 vídeos da *Folha de S.Paulo* e 22 vídeos do *O Globo*, totalizando 35 vídeos analisados. Destes, alguns foram postados somente no site, outros também na página do Facebook¹⁴ do jornal. Os links; identificação de dia e hora de postagem; duração; e descrições de cada um desses vídeos, encontram-se em anexo.

Antes de iniciar a análise propriamente, apresenta-se aqui uma análise preliminar, que consiste na sistematização de um quadro, a fim de facilitar a compreensão dos aspectos mais gerais referentes à produção de conteúdo jornalístico audiovisual nos dois jornais impressos.

¹⁴ Maior rede social do mundo, utilizada pelos jornais para compartilhamento de matérias e como estratégia para levar leitores ao site do jornal.

No quadro abaixo foram observados os aspectos gerais da produção de vídeos jornalísticos dos dois jornais, no contexto da cobertura analisada.

<i>Folha de S.Paulo</i>	<i>O Globo</i>
Possui editoria própria de vídeo	Possui editoria própria de vídeo
Imagens videográficas são captadas, majoritariamente, por repórteres fotográficos	Imagens videográficas são captadas, majoritariamente, por repórteres comuns, que trabalham com texto
Vídeos são postados no site e compartilhados na página do Facebook do jornal, ordenados por data, e por editoria (somente no site)	Vídeos são postados no site e compartilhados na página do Facebook do jornal, ordenados por data, e por editoria nos dois locais
Não coloca logo do jornal em todos os vídeos	Coloca logo do jornal identificando todos os vídeos
Vídeos postados acompanham um pequeno texto jornalístico, em média três parágrafos, relacionado ao tema do vídeo	Vídeos postados não acompanham textos, apenas legendas de um parágrafo curto contextualizando o tema do vídeo
Maioria dos vídeos é captado com câmeras profissionais, com exceção das transmissões ao vivo no Facebook	Maioria dos vídeos é captado com aparelhos celulares
Do ponto de vista estético, apresentam enquadramentos e planos mais planejados e previsíveis	Do ponto de vista estético, apresentam enquadramentos e planos menos planejados e previsíveis
Alguns vídeos possuem legendas autoexplicativas	Maioria dos vídeos dispõe legendas autoexplicativas

Vídeos mais roteirizados, com presença predominante de narrativas lineares e montagem clássica ¹⁵	Vídeos menos roteirizados, com presença predominante de narrativas não-lineares e montagem paralela ¹⁶
Não apresenta as fontes como personagens. As fontes são aquilo que se apresentam	Apresenta fontes como personagens, valorizando suas características na narrativa
Prioriza o uso da câmera objetiva ¹⁷	Prioriza o uso da câmera subjetiva ¹⁸
Versão impressa do jornal possui QR code com chamada para vídeos do site	Versão impressa do jornal possui QR code com chamada para vídeos do site
Produziu um total de 4h 30m e 44s de conteúdo em vídeo na cobertura em análise	Produziu um total de 1h 17min e 9s de conteúdo em vídeo na cobertura em análise

¹⁵ Caracteriza-se por manter a “impressão da realidade”, priorizando a linearidade e transmitindo a história como um relato harmônico, sem sobressaltos.

¹⁶ Prioriza alternância de planos de duas sequências ou mais, construindo um novo significado implícito interpretado pelo espectador.

¹⁷ Mostra o que acontece em frente à câmera, capta imagens de um ponto de vista externo à ação.

¹⁸ Câmera assume o olhar de um personagem, ficando mais participante do que acontece na cena.

Análise pragmática da narrativa jornalística

1) Recomposição do acontecimento jornalístico:

Observar a continuidade, justaposição e recorrência do tema. Essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) do acontecimento jornalístico. Observar como operam os ganchos, pois eles podem revelar aspectos interessantes das estratégias narrativas jornalísticas e dos efeitos de sentido pretendidos: retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor.

Folha de S.Paulo: adota, tanto na narrativa, quanto na edição e montagem, uma continuidade linear ao recompor os fatos que compõem o acontecimento. Há pouca justaposição pois cada vídeo trata de um aspecto específico do tema (ex: um fala como será a tramitação, outro as expectativas para a votação, outro o impacto do resultado para a economia do país, etc). A recorrência ao tema ocorre por meio das falas de cada personagem, que constituem-se basicamente como apresentadores (repórteres e editores) e fontes (especialistas e debatedores). Os cenários são pouco variados: redação, salão verde e plenário da Câmara. Apenas um dos vídeos, que mostra uma manifestação em São Paulo, apresenta cenário diferente. Explora poucas situações relacionadas ao fato em si e concentra sua produção videojornalística no contexto geral e nas implicações do acontecimento para a conjuntura política nacional. Os ganchos ocorrem mais em decorrência do conteúdo abordado que de recursos exclusivos do vídeo. O desfecho, ritmo de narração e explicações causais são provocados a partir de uma organização pré-estabelecida por roteiros, mesmo nos debates ao vivo.

O *Globo:* Explora diversas circunstâncias e personagens relacionados com o acontecimento. Os cenários são mais diversificados: redação, externas de manifestação em São Paulo e de ausência de manifestação em frente ao Congresso, salão verde, plenário e corredores da Câmara. Há uma justaposição

recorrente na continuidade da narrativa pela presença de diversos acontecimentos retratados nos vídeos. Observa-se também uma justaposição na sequência de planos e contra-planos em alguns dos vídeos (ex: vídeo em frente ao Congresso no dia da votação, enquanto os “manifestantes solitários” falam aparecem cenas cobertas mostrando como o local está vazio). Utiliza recursos próprios do audiovisual para construir ganchos entre um vídeo e outro (ex: a transição entre os vídeos que mostram as falas dos deputados durante a votação e os conflitos). O ritmo e desfecho da narrativa não obedecem a um padrão, nem são lineares. Cada episódio apresenta um ritmo e desfecho que se encerra em si.

2) Identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios:

Identificar e analisar os conflitos e a funcionalidade dos episódios que deixam significados em suspense, retardam a conclusão da história, aumentam a tensão e as expectativas do espectador. De acordo com Motta, o jornalismo vive de criar expectativas. A identificação dos conflitos é o que permite discernir e compreender o enredo, que pode unir uma ou muitas unitárias e não necessariamente guardam relação direta com a ordem das notícias que lhes deram origem. Estratégias de linguagem e movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação merecem atenção especial.

Folha de S.Paulo: Os conflitos são identificados a partir dos aspectos que compõem os episódios (ex: quando a repórter narra como será a votação da denúncia). Os episódios possuem uma funcionalidade mais informativa e reflexiva que narrativa dos fatos. A compreensão do enredo vem a partir das análises estabelecidas no texto de cada vídeo. A narrativa é objetiva e utiliza pouco, ou quase nada, do suspense e da expectativa, quando relata os fatos. As estratégias de linguagem e os movimentos retrospectivos que recuperam a memória de eventos são utilizados de maneira criativa e irreverente nos vídeos da série “Sua política”. Nos debates gravados na redação os eventos anteriores são recuperados nas falas dos debatedores.

O *Globo*: Os conflitos são apresentados de duas maneiras: com a mediação de debatedores (no caso dos vídeos feitos na redação) e sem a mediação (caso da maior parte dos vídeos feitos no dia da votação). Os episódios possuem uma funcionalidade informativa onde predomina a narração subjetiva. O suspense é bastante utilizado como recurso para aumentar a tensão e na criação de expectativas do espectador, sobretudo quando mostra detalhes paralelos ao acontecimento principal (ex: quando mostra os deputados com malas de dinheiro, ou quando mostra o deputado que fez a tatuagem com o nome de Temer). Episódios anteriores são recuperados dentro de outros vídeos, com a fala dos personagens, ou quando prioriza a presença de algum personagem (ex: os vídeos com o “deputado da tatuagem”, que remontam a história da tatuagem).

3) Construção de personagens jornalísticas:

O reconhecimento das personagens e sua dinâmica funcional. Nomes, identificadores e co-referências que designam as personagens devem ser particularmente observados. No jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. Na narrativa jornalística os personagens representam pessoas reais. Logo, na análise da narrativa não interessa quem é determinado político e o que fez ou deixou de fazer na vida real. Interessa como a narrativa jornalística construiu certa imagem deste político e o que a personagem fez no decorrer de uma narrativa jornalística.

Folha de S.Paulo: Os personagens são constituídos como fontes e sua representação é semelhante a maneira como são representados nos textos jornalísticos. A narrativa dos vídeos da *Folha*, neste caso específico, não coloca os personagens como elementos centrais, e sim o fato político. A dinâmica dos personagens adjacentes é pouco explorada.

O *Globo*: Os personagens são construídos, de maneira subjetiva, com presença forte e decisiva diante dos fatos. Valoriza-se muito a dinâmica dos personagens adjacentes que são apresentados de maneira individualizada mas ao mesmo tempo

presentes em um acontecimento repleto de coletivos (ex: a representação que se faz da oposição e dos governistas, elegendo personagens de cada lado como eixos dos vídeos).

4) Estratégias comunicativas:

Revelar as estratégias da narrativa jornalística para construir os efeitos de real (estratégias de objetivação) e os efeitos poéticos (estratégias da subjetivação). A retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos na comunicação para produzir efeitos.

Folha de S.Paulo: A figura do narrador tem papel fundamental nos vídeos. O narrador é assumido como elemento central e age como condutor principal das estratégias comunicativas em praticamente todos os vídeos. Os dispositivos retóricos se assemelham um pouco com o jornalismo impresso e até com o telejornalismo, e refletem uma prioridade na utilização de estratégias de objetivação, com a intenção primordial de fazer com que o espectador receba as informações do que está acontecendo, construindo efeitos do real. Os vídeos de transmissão ao vivo lembram os links do telejornalismo. Há poucas estratégias para a construção de efeitos poéticos.

O Globo: As estratégias comunicativas são diversas. Em alguns vídeos estão centradas em construir efeitos de real (objetivação), em outros efeitos poéticos (subjetivação). A figura do narrador é discreta, tanto que os repórteres não aparecem (fisicamente ou com voz em off) em boa parte dos vídeos. Os dispositivos retóricos também se assemelham com o jornalismo impresso e com o telejornalismo em alguns dos vídeos. Os vídeos de transmissão ao vivo também lembram links do telejornalismo, salvo a movimentação não estática da câmera.

5) Relação comunicativa e o “contrato cognitivo”:

Trata do enquadramento¹⁹ e abordagem jornalística, a seleção e destaque de aspectos da realidade pelo jornalista na sua observação do mundo. Deve-se observar particularmente o “contrato cognitivo” implícito entre jornalistas (narradores) e audiência (narratário), “contrato” este que segue as máximas da objetividade e da co-construção da verdade dos fatos. O desejo de objetividade do jornalista e sua estratégia de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de leitores, ouvintes e espectadores da mídia jornalística que acreditam estar lendo, vendo ou ouvindo a verdade dos fatos.

Folha de S.Paulo: O enquadramento dos vídeos obedece um padrão, com planos e ângulos muito parecidos. O “contrato cognitivo” pode ser determinado pela prioridade à utilização da câmera objetiva, aquela que mostra o que acontece em frente à câmera, captando imagens de um ponto de vista externo à ação. A relação comunicativa designada pelos vídeos colocam os jornalistas, editores e debatedores em um papel claramente definido de narrador e o espectador de narratário.

O Globo: O enquadramento não obedece um padrão, planos e ângulos mudam a cada vídeo. O “contrato cognitivo” também pode ser determinado pela prioridade à utilização da câmera subjetiva, que assume o olhar de um personagem, fazendo com que o espectador fique mais participante do que acontece na cena. A relação comunicativa designada pelos vídeos colocam os jornalistas, debatedores e outros personagens em papéis indefinidos. Em determinado momento um deputado é o narrador/mediador, explicando o acontecimento, no outro ele pode ser um personagem caricato.

¹⁹ O conceito de enquadramento é utilizado aqui de maneira simplificada, se referindo neste caso ao enquadramento como forma utilizada na linguagem audiovisual.

5. CONCLUSÕES

Conforme observado anteriormente, o jornalismo impresso foi induzido a se “reinventar” em diversos momentos de sua trajetória. É notório que aumento das reportagens em vídeo, produzidas por jornalistas oriundos da mídia impressa, foi causa e conseqüência da convergência digital multimídia, a medida que os formatos de texto, imagem e som se integram em uma plataforma.

Palacios (2002) reforça, no entanto, que o movimento de constituição de novos formatos midiáticos não pode ser visto como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos.

É possível verificar, na própria análise deste trabalho, que o uso dos recursos audiovisuais pelos jornais impressos tende a adquirir formatos próprios, compreendidos dentro do que seria o conceito de videojornalismo. O vídeo, como a imagem, tem independência, e pode ser a própria reportagem.

Essa pesquisa nos permite observar também que a escolha do vídeo e da linguagem audiovisual como recurso para a narrativa jornalística implica na construção de uma nova relação do leitor/consumidor da notícia, podendo trazer com isso pontos positivos e negativos.

Entre os dois jornais analisados, dentro da cobertura delimitada, foi possível constatar que o uso do vídeo é feito de maneira diferente. No período analisado, a *Folha* produziu 13 vídeos, totalizando 4h 30min e 44s de conteúdo. O *Globo* produziu 22 vídeos, com um total de 1h 17min e 9s de conteúdo.

A *Folha de S.Paulo* adotou uma narrativa mais informativa, focada no conteúdo e na reflexão das implicações do acontecimento. Tanto a opção por roteiros pré-estabelecidos, quanto a narrativa, planos e o enquadramentos, revelam essas características. Embora a quantidade de vídeos produzidos tenha sido menor

em comparação ao *Globo*, o tempo total de material audiovisual foi maior no período.

Já *O Globo*, optou por uma narrativa informativa e interpretativa, ao ressaltar aspectos peculiares e adjacentes aos elementos da narrativa central do fato, e apresentá-los com estratégias comunicativas mais diversificadas.

No *Globo*, o vídeo foi uma das narrativas principais na cobertura em tempo real, sobretudo no dia da votação. Na cobertura da *Folha de S.Paulo*, o vídeo foi narrativa complementar ao conteúdo do jornal impresso. O produto audiovisual do *Globo*, na análise em questão, possui aparência mais experimental, enquanto na *Folha* possuem aparência mais profissional e mais elaborada.

Nota-se que, a utilização, de maneira mais experimental ou profissional o vídeo, traz implicações para o futuro do processo de produção do material jornalístico dentro de redações da tradicional mídia impressa.

Convém ressaltar que essa análise pertence à uma cobertura específica e que a produção vídeo jornalística dos dois veículos vai além dessa cobertura. Uma análise mais definitiva do tema pode ser feita com base num período maior e também com uma maior diversidade de temas e ainda de veículos impressos.

No final do ano de 2016, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) lançou uma série de reflexões sobre o futuro do jornalismo chamada “O jornalismo brasileiro em 2017”²⁰. Entre os pontos centrais da reflexão estava a discussão sobre o futuro do jornalismo em vídeo, mediada pelo documentarista João Wainer, idealizador do projeto da TV Folha e atualmente consultor em videojornalismo do jornal *O Globo*.

²⁰ Disponível em: <https://jornalmonobrasilem2017.com/>. Acessado em: 31/08/2017.

Em seu artigo²¹, Wainer defende que “o formato vídeo deve se consolidar e sua tecnologia será capaz de mudar a dinâmica do fotojornalismo nas redações”. O interesse no aspecto visual das narrativas, pelos jornais impressos, aponta uma tendência à essa afirmação.

Preliminarmente podemos aferir consequências imediatas do uso do vídeo pelos jornais impressos. Inicialmente essas consequências se mostram evidentes no processo de produção da notícia. A longo prazo, resta-nos aguardar para acompanhar e saber as implicações do investimento em videojornalismo para os jornais impressos.

²¹ Disponível em: <https://jornalmonobrasilem2017.com/futuro-do-jornalismo-em-v%C3%ADdeo-tem-potencial-para-transformar-a-fotografia-39e1a768d750>. Acessado em: 31/08/2017.

REFERÊNCIAS

- ARMES, Roy. *On video: o significado do vídeo nos meios de comunicação*. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Summus Editorial, 1999.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas: Papyrus, 1993.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CASTILHO, Carlos. *O videojornalismo ganha espaços na internet*. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/o-videojornalismo-ganha-espacos-na-internet/>. Acessado em: 12/10/2017.
- COOK, Timothy E. O jornalismo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 6, julho/dezembro. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200009. Acessado em: 04/09/2017.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.
- FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C e FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). *Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GARCIA, Luiz (Org.). *O Globo: Manual de redação e estilo*. São Paulo: Globo, 2003.
- GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para novas mídias: do game à tv interativa*. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.
- KANNO, Mario. *Infografe: Como e porque usar infográficos para criar visualizações e comunicar de forma imediata e eficiente*. São Paulo: Infolide.com, 2013.
- MANUAL DE REDAÇÃO: FOLHA DE S.PAULO. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MOREL, Marco e BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise pragmática da narrativa jornalística*. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acessado em: 25/10/2017.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. Ano: 2002. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf Acessado em: 08/10/2017.

PASSOS, Fernando. Arte, Comunicação e Ciência - A questão da linguagem. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

RODRIGUES, Ernesto. Em cada editoria um desafio diferente. In: CALDAS, Álvaro (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SEABRA, Roberto e SOUSA, Vivaldo de (Orgs.). *Jornalismo Político: teoria, história e técnicas*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O futuro do jornalismo está no áudio e no vídeo*. Disponível em: <http://jornal.usp.br/atualidades/futuro-do-jornalismo-esta-no-audio-e-no-video/>. Acessado em: 21/09/2017.

THE DIGITAL JOURNALIST: *How not to do newspaper video*. 2008. Disponível em: <http://digitaljournalist.org/issue0805/how-not-to-do-newspaper-video.html>. Acessado em: 12/10/2017.

TRAQUINA, Nelson. *Entrevista ao Observatório da Imprensa*, em 20 de maio de 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da200520032.htm>. Acessado em: 01/09/2017.

WAINER, João. *Futuro do jornalismo em vídeo tem potencial para transformar a fotografia*. Disponível em: <https://jornalismomonobrasilem2017.com/futuro-do-jornalismo-em-v%C3%ADdeo-tem-potencial-para-transformar-a-fotografia-39e1a768d750>. Acessado em: 31/08/2017.

XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal e Embrafilmes, 1983.

ANEXO - Links e descrições dos vídeos analisados

Folha de S.Paulo

01/08 - 09h27 - 3'27":

<http://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/08/1906008-toma-la-da-ca-video-explica-como-funcionam-as-nomeacoes-do-governo.shtml>

(Série “Sua política”: repórter fala sobre como o governo estaria usando nomeações para cargos em troca de votos a seu favor na denúncia)

02/08 - 07h - 3'16":

<http://www1.folha.uol.com.br/tv/poder/2017/08/1906363-video-explica-a-votacao-da-denuncia-contra-temer-e-seus-resultados.shtml>

(Série “Sua política”: repórter explica como será a votação da denúncia na Câmara)

02/08 - 45": <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1947469271961733/>

(Vídeo mostra de manifestação em São Paulo contra o presidente Temer)

02/08 - 4'5": <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1947748058600521/>

(Vídeo ao vivo no Facebook antes da votação começar, repórter falando que a sessão atingiu o quórum necessário para a votação)

02/08 - 25'49": <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1947899998585327/>

(Debate ao vivo com repórteres, editores e colunistas comentando possíveis cenários para a votação da denúncia)

02/08 - 41": <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1948099245232069/>

(Vídeo mostra confusão entre deputados dentro do plenário durante a votação)

02/08 - 39": <https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1948128288562498/>

(Vídeo registra outro desentendimento entre parlamentares dentro do plenário durante a votação)

02/08 - 17h04 - 23'52”:

<http://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaaovivo/2017/08/1906537-temer-mostra-forca-mas-futuro-do-governo-e-incerto-avaliam-reporteres.shtml>

(Debate ao vivo entre repórteres traçando possíveis cenários caso o governo vença a votação)

02/08 - 4'25”:

<https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1948415805200413/>

(Vídeo ao vivo no Facebook com entrada da repórter comunicando que a votação acabou e comentando o resultado)

02/08 - 34”:

<https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1948448878530439/>

(Manifestação de deputados da oposição logo após o fim da sessão)

02/08 - 34'26”:

<https://www.facebook.com/folhadesp/videos/1948126121896048/>

(Debate ao vivo, logo após o fim da votação, com repórteres e especialistas comentando o resultado)

02/08 - 21h13 - 32'39”:

<http://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaaovivo/2017/08/1906658-vitoria-de-temer-e-uma-cronica-de-sobrevida-anunciada-diz-analista.shtml>

(Debate ao vivo entre repórteres e especialistas analisando o futuro do governo e a possibilidade de novas denúncias contra o presidente)

03/08 - 13h54 - 24’:

<http://www1.folha.uol.com.br/tv/tvfolhaaovivo/2017/08/1906825-vitoria-de-temer-traz-estabilidade-mas-a-um-preco-alto-dizem-analistas.shtml>

(Debate entre analistas, com a mediação de repórter, analisando o futuro do governo e fazendo projeções sobre possíveis estratégias que serão adotadas pelos governistas após a vitória)

O Globo

31/07 - 11h44 - 19'59”:

<https://oglobo.globo.com/brasil/temer-tenta-barrar-denuncia-na-camara-21650562>

(Programa “Porque hoje é segunda”: o programa, transmitido ao vivo, trata de diversos assuntos em pauta na semana. O programa começa com a apresentadora conversando com o colunista Lauro Jardim, que deu o furo das delações da JBS que deram origem à denúncia, sobre os possíveis cenários para a semana da votação)

01/08 - 04h36 - 2'01”:

<https://oglobo.globo.com/brasil/o-imbroglio-politico-brasileiro-como-se-fosse-game-of-thrones-21653991>

(Animação irreverente comparando os personagens da política aos personagens da série ‘Game of Thrones’. O vídeo explica o contexto da denúncia)

02/08 - 07h56 - 22”:

<https://oglobo.globo.com/brasil/protesto-contra-temer-bloqueia-rodovia-dutra-no-km-211-em-sao-paulo-21658462>

(Vídeo de manifestação em São Paulo pedindo que a Câmara aceite a denúncia)

02/08 - 10h04 - 1'44”:

<https://oglobo.globo.com/brasil/oposicao-faz-protesto-contra-temer-mostra-mala-de-dinheiro-21658831>

(Vídeo mostra manifestação de deputados da oposição no salão verde da Câmara. Deputados mostram adereços, como malas de dinheiro, cartazes e adesivos preparados para a votação)

02/08 - 13h08 - 1'32”:

<https://oglobo.globo.com/brasil/camara-decide-futuro-de-temer-21659587>

(Vídeo editado com trechos dos momentos iniciais da sessão. Mostra o presidente da Casa abrindo os trabalhos, oposição se manifestando e leitura do relatório)

02/08 - 15h32 - 1'07":

<https://oglobo.globo.com/brasil/rodrigo-maia-nega-rola-compressor-diz-que-sessao-e-sta-indo-bem-21660019>

(Vídeo do deputado Rodrigo Maia, presidente da Câmara, comentando sobre o rito de votação e brincando que pretende encerrar até às 19h para ver o jogo do seu time de futebol)

02/08 - 15h48 - 36":

<https://oglobo.globo.com/brasil/em-dia-de-votacao-contra-temer-manifestantes-se-qu-eixam-de-esplanada-vazia-21660126>

(Vídeo editado com imagens feitas em frente ao Congresso mostrando o baixo movimento. Três manifestantes que vieram de fora de Brasília comentam sobre a frustração por não ter manifestação)

02/08 - 16h08 - 31":

<https://oglobo.globo.com/brasil/deputado-wladimir-costa-defende-michel-temer-fala-de-ato-de-coragem-1-21660281>

(Vídeo mostra o deputado Wladimir Costa discursando no plenário em defesa de Temer. O deputado ganhou muita visibilidade nos dias que antecederam a votação após aparecer com uma tatuagem de henna, que ele dizia ser definitiva, em homenagem ao presidente)

02/08 - 16h32 - 59":

<https://oglobo.globo.com/brasil/wladimir-costa-acena-com-boneco-de-lula-vestido-de-presidiario-1-21660441>

(Vídeo mostra o deputado Wladimir Costa provocando os deputados da oposição com um boneco do ex-presidente Lula vestido de presidiário)

02/08 - 17h08 - 1'02":

<https://oglobo.globo.com/brasil/deputado-jose-geraldo-pt-pa-usa-adesivo-que-simula-tatuagem-de-wladimir-costa-21660600>

(Vídeo mostra o deputado petista José Geraldo usando um adesivo que reproduz a suposta tatuagem do deputado Wladimir Costa em homenagem ao Temer. José Geraldo cita que Wladimir responde processo no Supremo e o acusa de desvio de verba pública)

02/08 - 17h48 - 1'00":

<https://oglobo.globo.com/brasil/lider-do-dem-efraim-filho-fala-por-que-orientou-bancada-votar-contradenuncia-21660856>

(O líder dos Democratas, partido que possui um número expressivo de deputados na Câmara, fala porque orientou sua bancada a votar contra a denúncia)

02/08 - 18h08 - 48" :

<https://oglobo.globo.com/brasil/grupo-de-manifestantes-se-reunem-em-frente-ao-congresso-21660995>

(Vídeo editado com imagens em frente ao Congresso mostrando o começo de uma concentração de manifestantes que pedem a investigação de Temer)

02/08 - 29": <https://www.facebook.com/jornaloglobo/videos/1748406791865659/>

(Repórter entra ao vivo em transmissão de vídeo pelo Facebook contando que acabou a discussão e vai começar a votação)

02/08 - 5'35": <https://www.facebook.com/jornaloglobo/videos/1748411545198517/>

(Repórter entra ao vivo em transmissão de vídeo pelo Facebook mostrando o clima do plenário no começo da votação)

02/08 - 22h48 - 1'25":

<https://oglobo.globo.com/brasil/rodrigo-maia-fala-dos-proximos-passos-na-camara-21662576>

(O vídeo mostra um quebra-queixo com o deputado Rodrigo Maia, presidente da Câmara, comentando o resultado da votação e pedindo apoio dos deputados para continuar tocando a agenda e aprovar as reformas)

02/08 - 22h56 - 1'20":

<https://oglobo.globo.com/brasil/uma-vitoria-do-povo-brasileiro-diz-deputado-wladimir-costa-21662699>

(O vídeo mostra o deputado Wladimir Costa com o presidente Michel Temer no Palácio do Planalto após o fim da votação. O deputado comemora o arquivamento da denúncia e diz que foi “uma vitória do povo brasileiro”)

02/08 - 23h28 - 54":

<https://oglobo.globo.com/brasil/deputado-aureo-brasil-nao-pode-ser-paralisado-por-uma-disputa-politica-21662784>

(Vídeo gravado com o deputado Áureo, responsável pelo voto que definiu o placar pelo arquivamento da denúncia, justificando o seu voto a partir da pergunta da repórter. O deputado afirma que “o Brasil não pode ser paralisado por uma disputa política”)

02/08 - 9'03": <https://www.facebook.com/jornaloglobo/videos/1748606125179059/>

(Repórteres entram ao vivo em transmissão de vídeo pelo Facebook entrevistando o presidente da Câmara, Rodrigo Maia. Maia começa o vídeo reclamando, em tom de brincadeira, do enquadramento, dizendo que seu pescoço está muito grande)

03/08 - 00h08 - 3'19":

<https://oglobo.globo.com/brasil/como-os-deputados-votaram-para-livrar-michel-temer-21662798>

(Vídeo editado com trechos marcantes da votação, comparando com a sessão de abril de 2016 que aprovou o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff)

04/08 - 04h30 - 7'16":

<https://oglobo.globo.com/brasil/corra-temer-corra-as-horas-que-antecederam-votacao-da-denuncia-contra-presidente-1-21667612>

(O vídeoclipe é um time lapse que mostra 14h do dia da votação. Uma câmera subjetiva percorre os bastidores da votação, mostrando personagens, desde

parlamentares até jornalistas, descrevendo fatos e informações sobre a Câmara e a votação por meio de legendas)

04/08 - 14'33": <https://www.facebook.com/jornalglobovideos/1750544301651908/>
(Programa "Porque hoje é sexta": o programa, transmitido ao vivo, trata de diversos assuntos em pauta na semana. Aos 7min começa a falar sobre o resultado da votação e as movimentações do governo para a economia o arquivamento da denúncia)

06/08 - 04h36 - 1'34":

<https://oglobo.globo.com/brasil/rodrigo-maia-se-ficar-remoendo-passado-nao-aprova-reformas-21674954>

(Repórter entrevista o presidente da Câmara, Rodrigo Maia. Duas câmeras captam as imagens da entrevista. Um celular na mão da repórter posicionado em frente ao deputado, e outro filmando os dois. Maia comenta sobre a articulação para derrubar a denúncia contra o presidente Michel Temer)